

EU SOU MALALA: UMA VOZ SUBALTERNA QUE FALA

***Anna Karollyne Rabelo de Araujo ¹(IC), Débora Cristina Santos e Silva ²(PQ)**

***annakarollyneraraujo@gmail.com**

Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, AV. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá, Anápolis – GO, 75110-390

Resumo: O seguinte trabalho apresenta o desenvolvimento de um tema decorrente atualmente porém pouco observado e analisado no ambiente escolar. Tem como objetivo observar a recepção de temas como: direito de voz, resistência, importância da educação e aprendizagem no âmbito escolar, refletindo ainda a respeito das diferenças étnicas e religiosas sob o olhar subalterno. A questão das vozes subalternas é um dos principais tópicos de discussão dos recentes estudos do Pós-Colonialismo, uma vertente da crítica historiográfica contemporânea que busca investigar os impactos do imperialismo europeu sobre os povos colonizados que, embora tenha alcançado sua independência política, ainda permanecem sob um domínio econômico e cultural. O arcabouço teórico que delineia essa pesquisa se pauta em Spivak(2010), Brandão (2006) e outros com o intuito de despertar nos alunos o interesse pela leitura de narrativas autobiográficas usando como base a autobiografia de Malala Youzafsai e partindo de sua história e de alguns assuntos contidos no livro obter o estímulo do pensamento e visão crítica. Finalizando, é possível observar no decorrer deste estudo a importância da discussão de diversos temas e problemáticas dentro da escola, na pretensão de um ensino crítico para a formação de cidadãos leitores pensantes.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Pós-colonialismo. Discussão. Subalterno.

Introdução

O estudo das vozes subalternas abrange o contexto pós-colonial visto que “os estudos subalternos tratam sobre o poder, sobre quem o tem e quem não o tem, quem está ganhando e quem está perdendo.” (BEVERLEY, 2004, p 23.). Diante disso é necessário a compreensão da subordinação e dominação. Nesse aspecto, Guha e Spivak apontam um caminho para a compreensão a respeito

¹Pesquisadora bolsista CNPQ/UEG. Graduando do curso de Letras do CCSEH/UEG. Membro do Grupo de Pesquisa ARGUS – Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

² Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG



dessa relação de subordinação e domínio:

Nós reconhecemos certamente que a subordinação não pode ser entendida como um dos termos constitutivos da relação binária no qual o outro é o dominante, para os grupos subalternos há sempre tema para as atividades de grupos regrados, mesmo quando são rebeldes e ativistas. (GUHA; SPIVAK, 1988, p. 35)

A autobiografia da paquistanesa Malala Yousafzai contrapõe-se à visão de alguns teóricos sobre a idealização do subalterno como alguém que tem sua fala impedida de reconhecimento e, em consequência, de escuta: “os que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente” (FIGUEIREDO, 2010, p.85). No relato da autora, é possível observar a luta e dificuldade de Malala para desafiar com determinação o grupo extremista Talibã que impunha rígidas regras de conduta sobre o vale do Swat, no Paquistão. Malala, mesmo como subalterna, não aceitou a repressão e, com o intuito de romper com essas imposições, lutou para ser ouvida. Como voz consciente, ela entendeu que aceitar as imposições do colonialismo “é aceitar as consequências do imperialismo, as divisões raciais, religiosas e políticas imposta pelo próprio imperialismo”. (SAID, 2003, p. 288).

Com as discussões a respeito dos grupos subalternos, é importante compreender que, embora toda força e poder em seu discurso, de acordo com Gramsci (1999), os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e se insurgem: só a vitória ‘permanente’ quebra, e não imediatamente, a subordinação. A importância dos estudos pós-coloniais e estudos subalternos está em permitir a observação de como as diferenças culturais se modificaram em assimetrias de poder. Spivak (2010) questiona o poder de fala das classes subalternas, afirmando que o subalterno não pode falar, “ela refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a)” (ALMEIDA, 2010, p. 26). A luta pelo poder faz com que não exista o outro ou diferenças a serem respeitadas, e o pós-colonialismo quebra esse paradigma, pois



representa o poder da expressão, seja religiosa, política ou cultural. O colonizado pode sim ter voz e ser ouvido.

É interessante partindo disso, pensar nas formas de expressão que podem auxiliar na quebra desse paradigma considerando o discurso como uma junção de vozes em prol de algo, ou seja, uma voz passa a ser uma polifonia. Segue as considerações sobre essas vozes de acordo com Stam e Shohat:

A polifonia não consiste no mero aparecimento de um representante de certo grupo, mas na criação de um arranjo textual onde a voz daquele grupo pode ser ouvido com força e ressonância. A questão não se resume ao pluralismo, mas ao conjunto múltiplo de vozes, em uma abordagem que procura cultivar e frisar as diferenças culturais e frisar as diferenças culturais enquanto suprime as desigualdades sociais.

(STAM E SHOHAT,2006, p. 312)

Podemos afirmar que a voz nunca é apenas uma voz, mas tem todo um discurso e intuito por trás da mesma. Malala em seus discursos deixa claro que não fala apenas por si, mas por aqueles sem voz aqueles que desejam lutar por seus direitos, seu direito de viver em paz, direito de ser tratado com dignidade, direito à igualdade de oportunidade, e o seu direito de ser educado. É possível perceber nesse discurso as relações de poder a que estão submetidas a voz e a representação de grupos marginalizados. De acordo com Stam e Shohat (2006, p. 270) “A questão crucial em torno dos estereótipos e distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre sua representação”. Assim, a luta pela representação tem correspondência com a luta na esfera política e social.

A importância deste tema decorreu da necessidade de compreender a questão de subalternidade na perspectiva pós-colonialista diante da fala e emudecimento, utilizando a auto-bibliografia de Malala como um exemplo do avanço dos estudos das vozes consideradas subalternas, propondo também refletir sobre temas atuais, destacando discursos sobre o poder da fala, feminismo e importância da educação. Pois é importante, enquanto acadêmicos e futuros

educadores, assumir um papel de compromisso político, problematizando questões etnocêntricas e excludentes, e provocando reflexão histórica e questionamentos, a fim de trazer contribuições para proporcionar debates, análises textuais, que promovam novas perspectivas de leitura e compreensão de textos a respeito da temática. Isso é fundamental para a formação do aluno como cidadão pensante e crítico.

Material e Métodos

Na etapa inicial 2017/2 foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico: leituras sobre a autobiografia de Malala e seus ideais, pós-colonialismo e feminismo. Encontros para discussão teórica foram realizados semanalmente com os pesquisadores do Grupo de Pesquisa Argus, sob a direção da coordenadora do projeto, sendo todas as leituras resumidas, fichadas e resenhadas. As discussões e produções escritas auxiliaram na produção de artigos teóricos a respeito do tema, além de expandir a compreensão dos textos, fortalecendo o debate e estabilizando o conhecimento adquirido. Está em andamento a produção de um E-book com artigos dos pesquisadores do grupo, a ser publicado no final do último semestre.

Neste último semestre (2018/1), na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas atividades de exposição didática e mediação pedagógica através das oficinas de capacitação de leitura e de escrita, focalizadas especificamente no gênero diário ou relatos de vida. Tendo como público alvo estudantes da rede pública estadual, no Município de Anápolis-GO. A coleta de dados aconteceu em duas etapas, sendo que, na fase inicial, a investigação teve caráter documental e argumentativo, tendo as observações e análises das metodologias como algo marcante para que o tema fosse introduzido nas escolas despertando pensamento crítico. Sequentemente foram realizadas atividades nas escolas-campo por meio das oficinas, planejadas e executadas pelos pesquisadores do GP ARGUS.

Resultados e Discussão

O intuito foi trabalhar com os alunos o senso crítico e reflexivo diante de alguns fenômenos sociais. Discutindo diversos assuntos que pudessem ampliar a mente e visão como ser humano e cidadãos, além de despertar o interesse pela leitura. As oficinas foram realizadas no início do mês de Junho, foram executadas nos dois terceiros anos do Colégio Padre Fernando Gomes de Melo. Será apresentado neste momento relatos detalhados de cada uma delas. Na oficina inicial, foi apresentado o filme/ documentário de Malala que mostra parte de sua história que é narrada também no livro, após a apresentação do documentário e da autonarrativa da jovem decorrente do livro, foi feito um bate papo com os alunos tendo por objetivo apresentar e discutir com eles a autobiografia da Malala e assuntos presentes na história da jovem; como o da importância da educação, direito de voz e subalternidade, feminismo e luta por direitos.



Figura 1e 2- Alunos do terceiro ano assistindo o filme de Malala

A discussão foi interessante, pois houve a interação dos alunos que opinaram sobre o que acharam do filme e da história contida nele. Por se tratarem de alunos do terceiro ano do ensino médio pude observar o discernimento e sensatez durante a discussão. Algo muito importante foi o interesse deles pela leitura da autonarrativa de Malala, e creio que a discussão e o filme ampliaram a concepção deles sobre a importância da educação, poder da voz, liberdade de expressão e poder da voz em uma posição subalterna. É inegável o poder do ensino, leitura e aprendizagem na construção de alunos e cidadãos com pensamento crítico, pois educar não



consiste em apenas ensinar no âmbito individual, mas sim educar formando seres críticos, pensando no âmbito social. Candau afirma:

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social. (CANDAU, 1999, p.112)

Considerando a visão citada acima foi realizada a segunda oficina que consistiu na entrega aos alunos de algumas frases sobre os temas discutidos anteriormente (Frases de Malala em discursos e eventos).

A partir dessas frases os alunos leram e opinaram sobre ela oralmente juntamente com os outros colegas. Houve concordâncias e discordâncias, claro que cada turma opinou de modo único em relação aos temas abordados, mas no geral nas duas salas essa oficina foi algo bastante interativo e proveitoso.

Na terceira e última oficina conversamos sobre os elementos da narrativa presentes tanto no filme de Malala quanto no livro (enredo, narrador, personagens, tempo e espaço) tendo o escritor como protagonista de sua história, dando a eles assim uma base para a realização da atividade seguinte.

Foi entregue a eles uma folha que pedia que “a partir da sua compreensão sobre auto narrativa faça um texto contando parte de sua história ou algo que te marcou no decorrer de sua vida”.

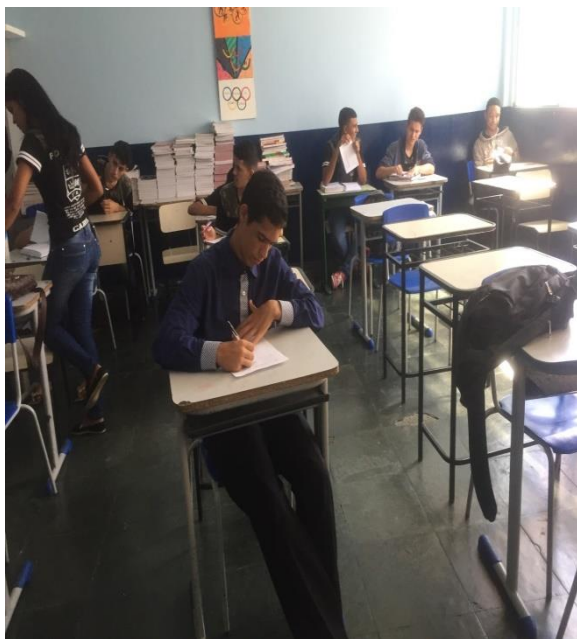


Figura 3 e 4- Alunos produzindo auto narrativa

Os alunos foram bem expressivos contando momentos vividos com a família e amigos, momentos legais e também difíceis enfrentados na escola e família. Uns foram mais detalhistas quanto seu nascimento, crescimento e dias atuais. Um dos alunos até descreveu algo traumatizante de sua vida. Houve histórias divertidas e pitorescas. É perceptível que cada história veio de momentos que realmente marcaram a vida deles de modo significativo. O que pude observar nestas narrativas autobiográficas é bem justificado através das palavras de Connely e Candinin:

A importância da auto narrativa se justifica no pensamento de que a escrita nos permite um modo expressivo intenso. A razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma na qual nós, os seres humanos, experimentamos o mundo. (Connely e Candinin, 1995, p.11).

Deste modo é possível observar o quanto a escrita é um meio incrível para a liberdade de expressão e que cada narrativa particulariza seu autor. Vimos o quanto a subjetividade estava exposta em cada frase e característica textual. Em cada uma



das oficinas e atividades propostas foi explorado o poder da oralidade e expressão tanto através da oralidade quanto na subjetividade dentro da escrita “a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua”. (BENVENISTE apud BRANDÃO 2004 p. 56).

Considerações Finais

Partindo de todas as discussões e análises apresentadas no presente trabalho, foi possível observar a relevância do direito de voz e a importância de tratarmos diversos temas presentes no contexto atual dentro da sala de aula.

Espera-se que nesta reflexão, a maneira de conduzir o processo ensino e aprendizagem sofra mudanças positivas, melhorando o clima de liberdade e participação e que a formação do educando dê um salto de qualidade, não só em relação ao saber sistêmico, mas em sua formação enquanto ser humano, que pensa, se relaciona, interage e busca soluções para os problemas, visando uma melhor convivência na sociedade atual, formando autênticos cidadãos que saibam lutar por seus direitos. Diante disso, com os resultados e dados apresentados nesse trabalho podemos observar a importância de trabalhos assim com o objetivo de despertar o pensamento crítico advindo de discussões e debates a respeito de livros, filmes e temas que abrangem a intencionalidade discursiva, voz na subalternidade, feminismo e importância da educação na formação de estudantes, leitores e cidadãos com pensamento crítico.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os membros do GP Argus pela importante contribuição no projeto. À nossa coordenadora do GP Argus, professora Dra. Débora Silva. À Pró-Reitoria de Pesquisa da UEG pelo patrocínio da bolsa CNPQ-UEG e à equipe do Colégio Padre Fernando Gomes de Melo pelo espaço cedido para a realização e produção das oficinas propostas pelo grupo.

Referências

ALMEIDA, Sandra. Regina Goulart. Prefácio: apresentando Spivak. In: SPIVAK, G.

C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marco Pereira Feitosa; Andre Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.1-23, 2010.

BEVERLEY, John. **Subalternidad y representación**: debates em teoria cultural. Tradução de Mayrlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução a Análise do Discurso** 2º ed. Campinas SP: 2006.

CONNELY, Michael; CLANDININ, Jean. **Relatos de experiência e Investigación narrativa**. In: LARROSA, J. et al. Déjame que te cuente Barcelona: Laertes, 1995.p. 11-59.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**, SP: Companhia das Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?**. Belo horizonte: Editora UFMG,2010.(Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa. André Pereira Feitosa).

YOUZAFSAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: A História da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. (Tradução de Caroline Chang, Denise Bottmann, George Schlesinger e Luciano Vieira Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 342 p.



GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Selected Subaltern Studies**. New York. Oxford University Press, 1988.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

STAM, Robert e SHOHAT, Ella. Estereótipo, realismo e luta por representação. In: _____. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Cap.05.

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.